

PEÇAS DE TEATRO

DA AUTORIA DE ,

JORGE MANUEL PIRES DA ROSA

(Alentejo do Tejo)

1ª - PARTE

- **REGRESSO FRUSTADO**
- **CONFUSÃO DE CARACÓIS**
- **AS CRIAS**



CÂMARA MUNICIPAL
51
NISA

SETEMBRO ••• 1982

REGRESSO FRUSTADO

D. B.

JOSE MANUEL PINOS DA ROSA

(Peça dramática em 3 actos. Representada pela primeira vez em 1975)

PERSONAGENS

FRANCISCO	-	Pai
CHISTINA	-	Mãe
JACQUES	-	Filho mais velho
ANTONIO	-	Filho mais novo
ROSA	-	Namorada de Joaquim
PEDRO CAMILO	-	
JOÃO MANUEL	-	Amigo de Joaquim

CENÁRIO

Casa de pequeno agricultor com ambiente de lar feliz.

(Enquanto Cristina costura o marido depois de regressar do trabalho e após o jantar dá uma vista de olhos pelo jornal e a certa altura diz):

FRANCISCO - Olha para esta notícia Cristina, até faz doer o coração!

CRISTINA - Então? Mais alguma desgraça?

FRANCISCO - Ora escuta: Lourenço Marques, 3 de Março de 1969: Numa emboscada perto de Nacala perderam a vida cinco soldados portugueses, ao que parece, estes briosos rapazes devem ter-se perdido no mato, numa missão de patrulhamento, levada a cabo pelas nossas forças!

CRISTINA - Ai Francisco ainda bem que o nosso Joaquim já está quase livre da tropa, eu parece-me que não suportava a ida dele para tão longe, e ainda mais para a guerra!

FRANCISCO - Pois é mulher tu não suportavas... mas não te esqueças que não és só tu que és mãe...! Poder lá avaliar a dor que a esta hora vai no coração das mães destes pobres inocentes!

CRISTINA - Ainda que a lixoste que essa notícia até faz doer o coração não é verdadeira? Então e se algum fosse nosso filho?

FRANCISCO - Ó mulher acabemos mas é com esta conversa vamos lá a falar de coisas mais alegres: é verdade já me esquecia de te dizer, estive a falar com o Sr. Prior, e ele disse-me que vem cá hoje passar o serão com a gente!

CRISTINA - Ai este homem! Diz sempre as coisas atrasadas... Então não sabes que quando vem alguém de cerimónia a nossa casa temos que ter as coisas mais bem arranjadas?

FRANCISCO - Ah Cristina... Cristina...! Eu tenho confiança em ti! Nunca me deixaste ficar mal!

CRISTINA - (virando-se para o público) Isto é que eu tenho aqui um homem... Sempre a lisonjear-me! (Neste momento bate a porta) - Quem é?

PADRE CAMILO - (De fora) - Padre Camilo, um seu criado!

CRISTINA - (indo buscar uma toalha para pôr na mesa) Um momento Sr. Padre, que já vou abrir! (ao abrir diz Cristina) Seja bem vindo Sr. Padre Camilo a esta sua casa! Faça favor de entrar!

P. CAMILO - (ao entrar) Então, com licença Sr. D. Cristina como está passou bem? O Sr. Francisco?

FRANCISCO - (levanta-se e vai ao encontro do Padre Camilo) - Como está passou bem? (cumprimentam-se)

P. CAMILO - Então Sr. Francisco como vamos de notícias?

FRANCISCO - Ah! Sr. Padre o mundo está cada vez pior, ainda agora estávamos, eu e
qui a minha Cristina a ler uma notícia de 'oçambique que diz que morre-
ria cinco solidos portugueses!

P. CAMILO - (ao sentar-se) - Então, com licença. Realmente Sr. Francisco o Mundo não
anda a seguir os conselhos de Deus! Os chefes das grandes nações só se pre-
ocupam em fomentar a desordem: o meu amigo já reparou que os milhões que
se gastam em armas de guerra se fossem desviados para a construção de
tractores agrícolas e para o auxílio às Nações subdesenvolvidas, o mundo
em que vivemos podia ser um paraíso?

FRANCISCO - Mas, Sr. Padre, então e nós havemos de deixar roubar aquilo que é nosso?

P. CAMILO - O meu amigo sabe porque foi que eu estive aqueles anos todos preso?

FRANCISCO - O Sr. Padre Camilo nunca me disse!

P. CAMILO - Então e passar de nunca o ter dito para ninguém digo agora aqui para vo-
ce recê... Mesmo a minha consciênciã não anda tranquilla enquanto não de-
satisfiro! Pela, meus caros amigos, aqueles longos anos de cativeiro levei-
-se lá, e o simples facto de eu ter um dia dito no sermão que era um crime
nãa eu ter a matar os nossos irmãos Africanos, só porque eles apenas
queriam o que lhes pertence!

CRISTINA - (entrando na conversa) - Já então, Sr. Padre, dizem que aquilo é nosso há
mais de 500 anos!

P. CAMILO - Trato... Levante as mãos para Deus, Sra. Cristina, por o Joaquim não te
irã também para aquela maldita guerra!

FRANCISCO - Então, Sr. Padre, lembre-se que ainda faltam mais meses para o moço sair
da tropa e já se tem visto muita coisa!

P. CAMILO - Isso sim, Sr. Francisco, o Joaquim a esse respeito tem mais fé que o
senhor...! Calcule que já me dizê que assim que sair da tropa quer casar!

CRISTINA - Ele também já falou nisso conosco... e estamos até a fazer conta de ir
facingo que vem falar com os pais da cachopa para acertarmos a data do
casamento!

P. CAMILO - Não há dúvida que vocemecêes podem orgulhar-se do vosso Joaquim! Pessoal-
mente acho que ele não podia ter escolhido melhor...! A Rosa é uma jóia
de rapariga! Muito sensata... Podem crer que está ali uma excelente do-
na de casa!

FRANCISCO - Lá a esse respeito o meu Joaquim sai ao pai!

P. CAMILO - Sim... Sim... Deus queira que ele tenha tanta sorte como o pai!

CRISTINA - Pela parte que me toca, obrigado pelo elogio!

P. CAMILO - Então, o Joaquim onde está?

- FRANCISCO - Onde quer o senhor que ele esteja?! Está em casa da Rosa, coitado, amanhã tem que se ir embora... Ele já anda desejoso que acabe aquela vida!
- P. CAMILO - Deixe lá, Sr. Francisco... já falou mais... e se Deus quiser qualquer dia cá o temos! (neste momento batem à porta)
- CRISTINA - Quem é?
- JOAQUIM - (da fora) Sou eu, mãe.
- CRISTINA - (indo abrir) É o nosso Joaquim!
- JOAQUIM - (entrando) Boa noite (e em tom mais vivo) Olha quem cá está hoje! O Sr. Padre Camilo como está, passou bem?
- P. CAMILO - Meu filho, que Deus te abençoe! Então a Rosinha?
- JOAQUIM - Oh, Sr. Prior está cada vez mais bonita!
- P. CAMILO - Bom... bom... Deus queira que tu a vejas sempre bonita!
- JOAQUIM - Obrigado, Sr. Padre!
- P. CAMILO - Então, Joaquim, tens visto o teu irmão? Como está ele?
- JOAQUIM - Oh, Sr. Prior, o teu irmão está feito um homem! Só é pena ter aquele feitio! Não gosta de acarrear comigo... Como eu gostava que ele fosse meu amigo como eu sou dele! Vossa Reverência pode não acreditar mas já tenho chorado muitas vezes sozinho, por causa dele... Tenho pena de estarmos os dois em Lisboa e só nos vermos de tarde em tarde!
- P. CAMILO - (passando-lhe as mãos pelas ombros)- Deixa lá, meu filho, ninguém tem culpa de ter o feitio que tem... O teu irmão não foi isso por mal... Ele no fundo é bom rapaz, não vês que tem só 17 anos?! É uma criança! Reza por ele, Joaquim, pode ser que um dia o António te prove que é melhor do que tu pensas!
- JOAQUIM - Oh! Sr. Padre, era bom que isso acontecesse. Mas... Confesso que tenho medo. Um rapaz tão novo sozinho em Lisboa!... Ainda se eu ficasse lá quando casar, mas... O pai da Rosinha está velho e quer que eu fique cá a tratar das freixas e eu confesso que também gosto mais da vida cá da provincia do que de Lisboa!
- FRANCISCO - (interrompe) - Está o Sr. Padre a ver como as ideias são diferentes?! O Joaquim quer a provincia, o António prefere a cidade!
- CRISTINA - Sabe uma coisa, Sr. Prior? Eu até acho que assim está muito bem!
- P. CAMILO - Então, diga-me cá porque é que assim pensa?
- CRISTINA - Ora essa! Então não se está mesmo a ver, porque é? Quando a gente for velhos e nos enfadarmos de estar aqui na parvalheira, vamos até à Capital!

P. CAMILO - (rindo) Lá está já a Sra. Cristina com as suas... Sabe-se lá onde é que nós vamos acabar o futuro a Deus pertence! Bem tenho que ir andando, amanhã tenho que me levantar cedo que a missa é antes das matinas!

CRISTINA E FRANCISCO - (ao mesmo tempo) Deixe-se estar mais um bocadinho, ainda é cedo.

P. CAMILO - Já que tanto insistes...

JOAQUIM - Bom, como eu tenho que ir no comércio da madrugada, peço muita desculpa, mas tenho que ir para a cama. Então um resto de serão agradável e boa noite para todos. (despedir-se)

FRANCISCO - É verdade, Sr. Padre Camilo, há alguns dias que ando à espera desta oportunidade e já me estava a esquecer: E que tal se nós aproveitássemos esta ocasião para o senhor provar a pinga que tenho ali? Aposto que o Sr. Padre ainda este ano não provou igual!

P. CAMILO - Não se incomode, Sr. Francisco, fica para outra vez.

CRISTINA - O Sr. Padre não nos vai fazer esse defeito, é só um momento que eu vou apegá-las ali! Com licença...

P. CAMILO - Ah! Sr. Francisco, não sei como pagar-lhe tanta amabilidade!

FRANCISCO - O Sr. Padre não sabe o velho ditado popular que diz "amor com amor se paga"? O Sr. Padre Camilo sabe que se não fosse o seu pai que "Deus o tenha em seu serviço" nós hoje não tínhamos o prazer de ir beber uma pinga de se lhe tirar o chapéu?

CRISTINA - (entrando com um jarro de vinho) Pronto! Cá está ele! Agora só faltam os copos. Eu trago já. (enchendo os copos) Vá, Sr. Padre Camilo, não faça ceia risonha!

P. CAMILO - (bebe e depois se saborear exultante) Não há dúvida, Sr. Francisco, é mesmo divino!

FRANCISCO - E queria a uela malandro, roubar-me a terra! (bebe um copo) Felizmente que o seu pai era um homem honrado... A ele devo aquela vinha, que é hoje a que melhor vinho dá cá na aldeia!

P. CAMILO - Sr. Francisco, o seu pai não fez senão o seu dever! Como advogado nunca tive conhecimento que alguém se queixasse dele!

FRANCISCO - O seu pai! Que pena ter falecido tão novo! Tinha só mais três anos do que eu, quando entrei para a escola andava ele na 4ª classe ainda me lembro bem... um dia, antes eu há poucos dias na escola houve um diabo que se deu um só e mais não seria ainda se o seu pai não me protegesse! Pareco que o estou eu a ouvir - "se teças mais no Chico, parto-te a cara, não vês que é mais pequeno do que tu?" - Já na escola, o seu pai, mostrava ser um bom defensor!

CRISTINA - Então, Sr. Padre, beba... Quando essa se acabar vou buscar mais!

FRANCISCO - Vê, Sr. Pátre, um copo só não é nada!

P. CAMILO - Já que assim querem vai mais um copo (bebem)

FRANCISCO - Pois, Sr. Padre Camilo, não sei se V. Reverência sabe a história daquela terra onde eu plantei a vinha.

P. CAMILO - O amigo sabe que quando eu fiz exame da 4ª classe, tinha onze anos. Fui para o Seminário, abandonei o aldeão, portanto o que então se passou pouco ou nada sei.

FRANCISCO - Então, eu lhe conto. Quando eu era menino e vivia em casa dos meus pais, a minha vida, como a Sr. Padre sabe, era a agricultura; Depois casei; naquele tempo não era como agora, havia poucas terras que não estivessem cultivadas, tinhamos que andar a pedir terras cheias de mato e aí fazíamos as nossas sementes!

P. CAMILO - Como os tempos mudaram, Sr. Francisco!

FRANCISCO - A quem o Sr. Padre Camilo o diz! O que eu e a minha Cristina passámos naquele tempo!

CRISTINA - Talvez por isso eu agora não presto para nada!

FRANCISCO - Pois, como eu já dizia, naquela terra a nossa vida era desbravar terras, até que um dia... Eu pensei que aquilo assim não tinha goito, andar toda a vida a arrancar mato e nunca ter um bocinho de terra minha! Foi então que um belo dia fui ter ao Sr. Barão e pedi-lhe que me vendesse aquela encosta que naquela tempo era só mato; ele começou-se a rir e perguntou-me para que é que eu queria a terra, pois dizia ele que aquilo era só bom para mato e eu respondi-lhe: "o Sr. faça assim porque tem muitas a boas, mas se ela estivesse nas minhas mãos!" Então o senhor disse-me por estas palavras: "Francisco eu não te vendo a terra, dou-te, mas se ao fim de dez anos não houver lá nada que se veja a terra fica para mim outra vez! Para minha infelicidade, o Sr. Barão ao fim de oito anos morreu, nessa altura já aquela terra que ele disse que só dava mato, estava transformada na melhor vinha do do aldeão! Mas o pior veio depois. O filho, depois da morte do pai, queria a vinha para ele, dizendo que o pai apenas me tinha emprestado a terra... O que me valeu, foi o meu pai como já lhe contei. É por isso que o Sr. Padre Camilo em minha casa é tratado como uma pessoa da família!

P. CAMILO - Ah! Sr. Francisco! O senhor era capaz de fazer o mesmo por nós, de resto já tem dado provas da sua generosidade.

CRISTINA - Não é por ser meu homem, mas aí onde o Sr. Padre o vê é capaz de dar a camisa.

P. CAMILO - A quem a Srta. D. Cristina o diz! Eu conheço bem o Sr. Francisco! Se fôr sem todos como ela... Bem, acho que já estou a abusar um pouco da vossa hospitalidade. Vou andando, que isto hoje já é um pouco mais tarde do que o costume!

CRISTINA E FRANCISCO - (olhando para o relógio) - Ainda só são onze horas, Sr. Padre!

FRANCISCO - As noites agora não são para tudo, mas uma vez que o Sr. Padre está com essa vontade...

P. CAMILO - Então desculpem a despedida, muito obrigado por tudo e muito boa noite!

FRANCISCO E CRISTINA - Boa noite Sr. Padre Camilo e, obrigado pela visita. (Ficam Francisco e Cristina em cena)

FRANCISCO - Que homem extraordinário, este Padre Camilo!

CRISTINA - Já aprendi mais esta noite do que em toda a minha vida. Realmente se os Portugueses estão no Ultramar há cerca de 500 anos, é porque antes de nós lá estavam já lá estiveram outros!

FRANCISCO - De facto, é verdade. Se a Bíblia diz que Jesus Cristo veio ao mundo há 1969 anos, e se só lá estamos há quinhentos, não há dúvida que aquilo é tanto mais antigo do que Portugal era dos espanhóis quando estes cá estiveram a governar!

CRISTINA - Ah, Francisco, tenho tanto medo... Enquanto o Joaquim não sair da tropa não ando descansada.

FRANCISCO - Lá estás tu a agoriar, mulher! Vai mas é pensando no casamento do moço já este ano, e para o ano se Deus quiser é capaz de para cá haver algum baptizado.

CRISTINA - Ah, homem, Deus queira que assim seja!

FRANCISCO - Então, não há-de ser? Fê-me aí o tabaco, por favor, que hei-de fumar um cigarro antes de ir para a cama!

II ACTO

(CRISTINA, passando a ferro, conversa com António que, entretanto chegou de férias)

CRISTINA - É preciso não te esqueceres que tens que obedecer ao teu irmão. Não vês que ele é mais velho do que tu?

ANTÓNIO - (com arrogância) Mas afinal eu sou alguma criança? Já sei que ele veio para cá com as queixinhas do costume. Parece que o estou eu a ouvir... "O António é um vadio; o António só faz sociedade com quem ele entende; o António é este o António é aquele". Ah, mas isto tem que mudar! É tempo de ele se convencer que para me dar conselhos, basta o meu pai e a minha mãe! Tenho 17 anos, e com esta idade acho que já sei bem o que quero e para onde vou!

CRISTINA - Não sejas assim filho! O teu irmão é o teu melhor amigo! Ele só quer o teu bem!

ANTÓNIO - Não digo que não, porque eu também sou amigo dele e que embirro é com aqueles conselhos paternais... Ele afinal não é mais homem do que eu!
(Neste momento o carteiro trás uma carta, António vai recebe-la e apressado dirige-se para a mãe dizendo) É uma carta de Joaquim! É uma carta de Joaquim mãe!

CRISTINA - (Não se contineio com coragem para a ler) Abre-a e lê-a meu filho...
(Enquanto António lê a carta emocionado a Mãe vai limpando as lágrimas)
Lisboa, 25 de Abril de 1969

Queridos pais desejo sinceramente que esta minha carta os encontre de óptima saúde que eu fico ter graças a Deus. Queridos pais no momento em que estou escrevendo esta carta tenho o coração completamente despedaçado, sinto-me um homem vencido pela desventura não tenho forças para manter dizer á minha querida e adorada Rosinha a mágoa que vai na minha alma, sei que os pais também vão ficar completamente estupefactos mas já sabem compreender melhor a vida do que aquela inocente criança por isso peço á minha mãe que vá a casa da Rosa e lhe diga que não tive coragem de lhe mandar dizer tão cruel notícia. Peço também á mãe que se acalme, bem sei que o seu coração é fraco e não suporta as emoções muito fortes mas acima dos interesses particulares estão os interesses da Pátria e a ninguém custa mais esta situação do que a mim: mais ou menos dentro de oito dias aí chegarei para convosco passar uns dias antes da minha partida para Moçambique. Sem outro assunto, cumprimentos e saudações para todos, do vosso filho Joaquim. (Fim da leitura Cristina cai na cadeira meio desfalecida e António corre ao jarro e tira um copo de água para dar á mãe).

ANTÓNIO - Mãe! Mãe!

(Cristina a custo bebe, e há um pequeno silêncio)

ANTÓNIO - Já se sente melhor mãe!

CRISTINA - (A custo) Já passou filho, mas... tu também choras-te tens os olhos vermelhos!

ANTÓNIO - (Carinhoso) Ó Mãe qual é o filho que vê chorar uma mãe e não chora também?

FRANCISCO - (Entrando vindo do trabalho) Boa tarde!...

CRISTINA E ANTÓNIO - (Secamente) Boa tarde...

(Pequeno silêncio)

FRANCISCO - O que é que aconteceu? Vocês parece que estão com cara de caso!

CRISTINA - (Triste) Lê essa carta que chegou do nosso Joaquim...

FRANCISCO - (Depois de ler a carta e com os olhos rasos de lágrimas, profundamente irritado) Os interesses da Pátria... os interesses da Pátria... Qual Pá-

tria qual carapuça?! Como o meu pobre filho anda enganado! Mas afinal beneficia com aquela guerra estúpida? Ah! que se eu pudesse falar! Muito me tem ensinado o Padre Camilo!

ANTÓNIO - Então Pai? Coragem! Não foi o pai que me ensinou que um homem nunca chora?

FRANCISCO - Tens razão meu filho... um homem tem que dominar-se!

CRISTINA - Já me sinto mais reanimada, vamos lá a vêr se consigo ir agora a casa da Rosa...

FRANCISCO - Vai com a tua mãe António que eu não fico muito tranquilo deixando-a ir sózinha!

ANTÓNIO - Vou sim meu pai!

FRANCISCO - (Sentando-se na cadeira) Ó cruel sorte! Sinto que a partir de hoje a minha casa se transformará num verdadeiro inferno! Como vai a minha pobre mulher com o coração tão fraco suportar tamanha dor? Receio bem pela sua vida! E se me falta a minha companheira? Como posso eu viver sózinho habituado como estou aos seus afagos e aos seus carinhos?

(Neste momento batem à porta)

FRANCISCO - Quem é?

P. CAMILO - (De fora) Faz favor, sou eu o Padre Camilo!

FRANCISCO - Vou já Senhor Prior!

(Vai abrir)

P. CAMILO - Ó querido amigo sinto muito! encontrei a sua senhora mais o António e já me contaram o que se passou!

FRANCISCO - Ó Sr. Padre Camilo depois de tempo de tropa quase passado uma coisa destas! Quem havia de dizer!?! E a gente com planos com a data de casamento marcada... Se o Sr. pudesse fazer alguma coisa!...

P. CAMILO - Vamos tentar meu filho, vamos tentar mas... Não prometo nada. No meio disto tudo, Sr. Francisco, a Rosinha ainda deve ser quem mais sofre!

FRANCISCO - Não pode sofrer mais que os pais dele não lhe parece Sr. Prior?

P. CAMILO - Respeito muito a sua opinião meu bom amigo mas quando dois jovens se amam verdadeiramente, não deve haver amor mais forte, e olhe que estavam quase a ser marido e mulher!

FRANCISCO - Meu pobre filho! o que mais me custa Sr. Padre é o moço já ter a idade formada de que ia casar dentro em pouco, e isto para ele e para a Rosa vai ser doloroso!

P. CAMILO - (Contemporizador) Não desespere Sr. Francisco... Enquanto há vida há esperança, não podemos é perder tempo com lamentações!

FRANCISCO - E o que é que um homem como eu pode fazer senão lamentar-se? Ainda se mo

levassem assim que ele acabou a recruta...

P. CAMILO - Então com licença Sr. Francisco, eu vou aniamie vou já ver se consigo fazer alguma coisa pelo rapaz, mas... Entretanto vá repando, olhe que Deus ainda é a força maior e o que ele não fizer não faz ninguém! Até logo, até logo!

FRANCISCO - Adeus e obrigado Sr. Prior!
(Pequena pausa)

FRANCISCO - Ai, ai! Ainda agora é princípio e já estou completamente arrazado, não consigo habituar-me à ideia de que o meu filho dentro de pouco tempo vai para a guerra! P'ra guerra... Mas p'ra guerra defender quem? Infelizmente nem posso gritar bem alto aquilo que sinto! Como eu gostava que isto não passasse dum sonho! (Pega na carta e irritado diz) Malita carta! (Amachuca-a, depois acusa-se) Eu no fundo também sou um pouco culpado de que se esta agora é p'ra... Quando ele tinha quinze anos e me pediu para o deixar ir com o tio para o Brasil se eu o deixasse ir, talvez agora estivesse bem colocado e livre daquela malita vida, mas eu nunca me habituei à ideia de estar sem o ver uma data de anos, e depois como a mãe parece de coração achei que se o deixasse partir a minha Cristina não seria viva muito tempo!

(Entra Cristina e António)

CRISTINA - (Pufada) Então homem outra vez com a carta na mão!

FRANCISCO - Ó Cristina, Cristinna, como eu gostava que isto fosse um pesadelo!

ANTÓNIO - Então pai!? Parece que morreu alguém! Querem ver que é ele o primeiro a ir para Moçambique? O pai e a mãe têm que se habituar a encarar as coisas como elas são: Querem ver que são os estrangeiros que têm que ir defender aquilo que é nosso?

FRANCISCO - (furioso) Cala-te! Não digas asneiras! Defender aquilo que é nosso... Defender aquilo que é nosso! Estou farto de ouvir essa lenga, lenga! Onde estão os interesses dos pobres nossa terra que é nossa? Sabes onde estão meu filho? Lê aqui o jornal. (António lê) A três de Março morreram cinco soldados Portugueses!

FRANCISCO - Isso é o que eles dizem com o que fica por dizer em vez de cinco são capazes de ser cinquenta! E isto passa-se todos os dias... Ou pensas tu que o teu irmão vai para alguma festa? Não me digas que tens ciúmes António! O que nós sentimos pelo teu irmão é o mesmo que sentiríamos por ti!

ANTÓNIO - Peço perdão! Mas... o pai sempre disse que aquilo era nosso!

FRANCISCO - Pois disse meu filho mas há uns tempos para cá mudei de opinião: eu depois te ensinarei o porquê da injustiça daquela guerra, por agora quero que me digas como ficou a Rosa.

CRISTINA - Como querias tu que ela ficasse Francisco? A princípio não queria acredi

tar mas depois viu que eu tinha os olhos cherosos largou-se também a rir! Coitada, ela gosta muito do nosso Joaquim!

FRANCISCO - E ele gosta muito dela!

ANTÓNIO - Não! Não há-de gostar! A cachopa mais bonita cá da terra! E ainda por cima não é rica mas para lá caminha!

FRANCISCO - Ó António o que é que tu tens contra o teu irmão? Não penses dessa maneira filho! Olha que elas namoram-se desde a escola e nessa altura a Rosa era bem pobrezinha! Nem uma casa tinha para viver!

ANTÓNIO - Mas, ó pai estou a ver que tenho que estar sempre calado, eu não disse isto por mal!

CRISPINA - Realmente Francisco ele agora não disse nada de mal!

FRANCISCO - Ah esta cabeça não anda boa! Sabes o que te digo António? O momento não é para discussões, vago-nos desculpar um ao outro sim? (Abraçam-se)

(Fim do segundo acto)

III ACTO

(Francisco conversa com António que está com as malas preparadas para partir para o Brasil) (António com luto)

FRANCISCO - Custa-me muito meu filho, deixar-te partir, mas acho que é melhor eu estar sem te ver alguns anos do que deixar-te ir também para a guerra e perder-te para sempre!

ANTÓNIO - Ó pai a mim também me custa deixá-lo sózinho! Vou sentir muitas saudades!

FRANCISCO - Vai meu filho, vai que eu não quero que te aconteça o mesmo que sucedeu ao teu irmão! Nunca o deixei abalar porque tinha medo que a tua mãe não suportasse a sua ausência, afinal acabamos por perder... tu, a tua mãe e o teu irmão e eu a minha mulher e o meu filho!

ANTÓNIO - Ó meu pai não se mortifique! Como eu gostava que o pai fizesse por esquecer a nossa infelicidade!

FRANCISCO - Sim, meu filho eu vou tentar esquecer...

ANTÓNIO - O pai promete? Posso ir-me embora descansado?

FRANCISCO - Prometo sim António, podes ir descansado!

(Neste momento batem á porta)

FRANCISCO - Quem é?

P. CAMILO - (de fora) Sou eu o Padre Camilo!

FRANCISCO - Entre Sr. Prior se faz favor.

P. CAMILO - (Entrando) Com licença, então o rapaz? Já está pronto?

FRANCISCO - Já sim Sr. Padre Camilo!

P. CAMILO - Temos que ir andando António que já não falta muito para o comboio!
(Então meio a chorar abraça-se ao pai este por sua vez tenta suster as lágrimas)

ANTÓNIO - Adeus pai!

FRANCISCO - Adeus filho, Deus queira que tenhas mais sorte que o teu irmão! (Quando António vai a sair) Antónia! Passa por casa da Rosa e despede-te dela!

ANTÓNIO - Assim farei meu pai! Adeus!
(Depois de ambos terem saído Francisco deixa-se cair na cadeira e desola do exclama)

FRANCISCO - Ó meu Deus, ainda há um ano esta casa respirava felicidade por todos os lados e hoje é esta tristonhosinha! O que faço eu agora sózinho? Bem sei que haverá quem me censure por eu já ter só aquele filho e deixá-lo ir embora, mas cá na minha consciência acho que fiz o meu dever de pai... Assim eu tivesse procedido assim o meu pobre Joaquim! Que Deus me perdoe! Diz o meu António para eu tentar esquecer, mas como é que eu posso esquecer metido aqui sózinho entre estas quatro paredes? Não há dúvida que estou envolvido num grande dilema: de dia ainda me vou distraíndo com o trabalho mas quando chega a noite?

(Neste momento batem à porta)

FRANCISCO - Quem é?

ROSA - (De fora) Sou eu ti Francisco! Dá licença?

FRANCISCO - Ah! És tu Rosa? Entra esta casa é tua!

ROSA - Boa noite ti Francisco... traga-me aqui um cântaro com água, lembrei-me que vocemecê precisasse!

FRANCISCO - Ó Rosa! Como tu és bondosa! Que a graça de Deus te abençoe, e a maldição caia sobre os culpados desta nossa situação! Mas... senta-te! (Depois de Rosa se sentar) tu gostavas muito do Joaquim!?

ROSA - Mais do quê da minha própria vida! quando ele entrava em minha casa era como se um sol esplendoroso enchesse a casa toda!

FRANCISCO - Pobre Rosinha... Por causa de meia dúzia de Barridos sofremos nós todos!

ROSA - Tudo o que eu sonhei na vida se desfez num instante! Como pode a vida ser tão bela para uns e tão cruel para outros! Desde que o Joaquim morreu a minha vida é chorar!

FRANCISCO - Deixa lá Rosa, tu ainda és nova, ainda estás a tempo de refazer a tua felicidade! Agora eu... Eu já sei que a minha cruz será cada vez mais pesada!

ROSA - Está enganado ti Francisco! A felicidade para mim morreu quando o Joaquim

deixou de existir para a vida!

FRANCISCO - À Rosa, ainda és uma criança, quando tiveres mais idade de certo pensarás doutra maneira! E de resto tens todo o direito a ser filez!

ROSA - Então o António, lá abalou para o Brasil...!

FRANCISCO - (Triste) Sabe Deus com que mágoa eu o vi partir!

ROSA - Deixe lá ti Francisco...

FRANCISCO - Tu não podes avaliar o que é um homem da minha idade ter tantos desgostos em tão pouco tempo!

ROSA - Qualquer dia acaba a guerra e já o António pode vir para o pé de si... O Joaquim é que nunca mais volta!

FRANCISCO - Tenho pouca esperança Rosa, quando a desgraça entra numa casa já de lá custa a sair!

ROSA - Isso é verdade ti Francisco, mas temos que nos conformar!

FRANCISCO - Infelizmente assim é, temos que sofrer morrer e calar!

ROSA - Pronto ti Francisco, vou andando que a minha mãe já há-de estar em cuida das!

FRANCISCO - Vai Rosa, não te descores por minha causa, mas vai aparecendo de vez em quando pois só tu e o Padre Camilo podem quebrar a monotonia em que agora passo a viver!

ROSA - Darei muito prazer em vir vê-lo de vez em quando: Até amanhã ti Francisco!

FRANCISCO - Até amanhã Rosa, boa noite e obrigado! (Depois de Rosa sair) Obrigado... É isto que me reserva a vida aqui para a frente! Ainda há um ano eu pensava que não precisava de ninguém e hoje preciso de toda a gente! Que grandes lições Deus dá à humanidade! Mas o que é que eu estou para aqui a pensar? O melhor é beber qualquer coisa para esquecer! (Bebe duma garrafa e depois faz uma pausa: ao longe soam as vozes dos rapazes que foram à inspecção o cantorico aproxima-se e cheio de saudades diz) O que é aquilo? Ah! São os rapazes das sortes! Noutros tempos aquela paródia alegrava-nos, fazia-nos recordar a nossa mocidade! E agora? Faz-me lembrar que ainda há três anos o meu filho andava também cheio de alegria e por causa daquela odiada guerra já não pertence a este mundo! E somos nós dum país que se diz Cristão! Onde está a Cristandade dos governantes deste país? É a matar inocentes que se pratica essa religião? (E assomando-se á porta grita completamente fora de si) Ó mocidade louca! Que alegria é essa? Vocês não vêm os exemplos que tem havido na nossa terra? (E noutro tom mais baixo) Coitados ainda pensam que vão defender a integridade da Pátria... Como se a Pátria... (E mais dúzia de tubarões! (Novamente irritado) Quero lá saber que a pida oiga os...

nho a perder!

(Bate à porta)

FRANCISCO - Quem é?

J. MANUEL - Faça favor ti Francisco!

FRANCISCO - Queres ver que é alguém da pide? ã! Mas não me apanha desprevenido! Espira aí que eu já te digo! (Vai buscar uma arma. Entretanto antes de abrir a porta tenta saber quem é e espreita) Afinal desta vêz ainda não serve é um soldado que está ali. (Depois de abrir a porta repara que é o João Manuel o melhor amigo de Joaquim) João Manuel! És tu? Entra rapaz dá cá um abraço! Não trazes o meu Joaquim, João Manuel?!

J. MANUEL - Fiz tudo o que estava ao meu alcance, ti Francisco para o salvar! O Joaquim era o meu maior amigo; fui três vezes ao hospital dar-lhe sangue. Ainda tive esperança que ele se salvasse! Um dia pediu-me para lhe levar uma carta que a muito custo ele conseguiu escrever, passados dois dias, voltei ao hospital, e então fiquei lesiludido! Foi então que ele me pediu por estas palavras: João dentro da minha mala está um fio com a imagem de Nossa Senhora das Dores, foi minha mãe que me deu quando eu vim para Moçambique, para que ela me protegesse: Se acontecer o pior, peço-te o favor que quando regressares à Metrópole, a entregues a meu pai, leva também esta carta que eu escrevi antes: são duas coisas muito importantes! Deve ser o último favor que eu te peço, João!

FRANCISCO - Ele sofreu muito João!?

J. MANUEL - Foi horrível, ti Francisco! O Joaquim não merecia aquela sorte!

(Francisco nervosamente abre a mala e retira a medalha e levantando-a exclama)

FRANCISCO - Por aqui se vê a grandiosidade de carácter do meu pobre filho! Nossa Senhora das Dores não o guardou, mas ele fez todos os possíveis para que esta medalha não se perdesse! Aqui está a carta! Lê-a João que eu já não tenho coragem para tanto!

J. MANUEL - Dê cá, ti Francisco! (Lê algumas frases) Meu querido e adorado pai no dia em que receber esta carta é bem possível que eu já esteja a fazer companhia á minha santa mãe, sei que é duro de mais um pai ler estas palavras mas é a realidade...

FRANCISCO - (Interrompe desesperado) Cala-te João! Eu não posso mais! Meu pobre filho!

J. MANUEL - Ó ti Francisco eu também perdi o meu maior amigo!

FRANCISCO - (Abraça João) E eu perdi o meu filho!

CONFUSÃO DE CARACÓIS

COMÉDIA EM UM ACTO

DE

JORGE PIRES

PERSONAGENS:

ANASTÁCIO MARIDO
JANUÁRIA MULHER
TIA JAQUINA MÃE DO ANASTÁCIO
VIZINHA

CENÁRIO

Vários utensílios de cozinha entre os quais um fogão e um tacho.

I ACTO

- ANASTÁCIO — (Espreguiçando-se e com fala muito descansada descascando batatas)
Ai, ai! Isto da emancipação da mulher foi uma grande gaita! Se eu
adivinhasse isto não me casava! Dantes chegava a casa tinha a comi
da pronta agora é isto se quero comer tenho que o fazer!
- JANUÁRIA — (Entrando muito apressada) Então ainda agora estás a descascar as
batatas?! Que grande atraso de vida tu me saíste! Sim senhor vem
uma pessoa cheia de fome deserta para comer, não vêz que temos só
uma hora para almoçar?
- ANASTÁCIO — Ó Januária tu sabes bem que eu não tenho prática de fazer este ser
viço!
- JANUÁRIA — Cala-te! Desde manhã até agora aindo só descascaste 4 batatas não
te envergonhas?
- ANASTÁCIO — E olha que tenho estado a descascar de empreitada!
- JANUÁRIA — (Que entretanto se sentou a lêr o jornal) Empreitada... já tiveste
tempo para descascar três ou quatro canastrões delas! Agora já não
me admiro do teu patrão te despedir! Quem é que não aguenta uma
treva destas?

(pequeno silêncio, AH! acnei! Aqui tens tu um emprego bom para ti!

ANASTÁCIO

— Então o que é? (Faz o gesto para ir vêr)

JANUÁRIA

— Deixa-te estar a trabalhar que eu leio: Caracóis, compro qualquer quantidade: Rua 7 Porta 3 Bairro dos Pintassilgos!

ANASTÁCIO

— Então o que é que isso tem a ver com um emprego?

JANUÁRIA

— Cada vêz estás mais burro! Então não se está mesmo a vêr? daqui a pouco pegas numa cêsta e vais aos caracóis?

ANASTÁCIO

— Agora é que tu me amolaste! Eu tenho alguma prática de apanhar caracóis?

JANUÁRIA

— Está visto que tu só tens prática para comer não? Pois olha já ficas avisado se não trouxeres pelo menos 5 quilos todos os dias, tratas da tua vida que eu trato da minha! (sai furiosa)

ANASTÁCIO

— As mulheres serão todas assim? Primeiro deixou de dormir comigo, ela dorme numa boa cama e eu tenho que dormir no chão, agora quer que eu vá apanhar caracóis, e o pior é que tenho que ir mesmo!
(NESTE MOMENTO BATEM À PORTA)

ANASTÁCIO

— Quem é?

JOAQUINA

— (Entrando) Então já sabes porque é que eu aqui venho?

ANASTÁCIO

— Não sei mãe mas quãse que adivinhô!

JOAQUINA

— Qual vinho qual carapuça! Mesmo sem tu beberes vinho ela faz pouco de ti! Não tens os fígados da tua mãe não!

ANASTÁCIO

— Mas... Ó mãe eu disse que adivinhava!

JOAQUINA

— Dissestê que ela não estava? é a sorte dela porque senão tínhamos aqui gaitas!

ANASTÁCIO

— Ai valha-me Deus que ainda se arzanja p'rá qui algum sarilho!

JOAQUINA

— Eu sei bem que és meu filho, deixa estar que essa cabra ainda há-de saber quem eu sou! Anda uma pessoa a criar um filho para depois o entregar a uma bixa destas!

ANASTÁCIO

— Cale-se que ela ouve!

JOAQUINA

— Só te dá caldo de couve?! Ai que ela mata-te filho, eu vou-me embora, mas deixa estar que hei-de cá vir outra vêz quando ela cá estiver! (Sai mas deixa cair um lençô)

ANASTÁCIO

— Ai minha maezinha do que eu me safei! Ainda bem que a minha mulher não ouviu! Ai as batatas que se estão a queimar! Agora á que eu a arranjei! esqueci-me de lhe por água e agora em vêz de cozidas estão assadas!

JANUÁRIA

— (Entrando) Que diabo de barulho era este aqui? tu agora também tens visitas secretas? um... isto cheira-me a esturro...!

ANASTÁCIO

— Ó Januáriazinha desculpa mas... eu deixei queimar as batatas!

- JANUÁRIA — À patife, não estejas a disfarçar! Com que então o sonsinho que parece que não parte um prato! (gritando) de quem é este lenço?
- ANASTÁCIO — (atrapalhado) Fô... Foi a... a minha mãe que esteve aqui e concerta deixou-o cair...
- JANUÁRIA — O que foi que a tua mãe veio aqui fazer? veio dar-te a maminha não? Também se pode gabar que tem aqui uma boa prenda!
- ANASTÁCIO — (Para o público) Esta ferramenta deve estar constipada, será caso que não lhe cheire a esturro? mas eu tenho que me safar! E se em vez de eu ir daqui a bocado aos caracóis fosse já agora? Levo uma cêsta e quando é lá para depois de sol pôsto já cá estou e ela já há-de estar a dormir! Ora vamos lá a vêr se pega! Ó Januária a mim não me apetece comer eu vou agora aos caracóis, onde é que está a cêsta?
- JANUÁRIA — Nosso Senhor te dê juízo! Não querias mais nada, vai mas é pôr o almoço na mēsa que eu quero ir-me embora!
- ANASTÁCIO — (Para o público) Estou bem arranjado! Mas como é que eu hei-de descalçar esta bota! À! Já sei... vamos a isto! Não sabes uma coisa... a minha mãe ensinou-me uma nova maneira de cozer batatas, vamos lá a vêr se isto é bom! (Depois de por os pratos na mēsa vai buscar o tacho e quando se aproxima da mulher...)
- JANUÁRIA — À malandro que deixaste queimar o almoço! Come-o tu que eu vou comer a casa da minha mãe! (Sai)
- ANASTÁCIO — E eu vou comer a casa da minha! (Sai)
- JANUÁRIA — (Entra a rir) Ai o palerma foi no embrulho, ainda é uma coisa boa que ele tem é ser tão parvo! Vou aqui fazer um almoço com todos os matadores mas é só para mim... Ele se quizer coma lá em casa da mãe dele, calculem que nem se lembrou que hoje temos semana inglesa! (Neste momento batem à porta)
- JANUÁRIA — quem é?
- VIZINHA — Sou eu vizinha posso entrar?
- JANUÁRIA — Faça favor vizinha! Então que novidades tem para me dar?
- VIZINHA — Ia ali o seu Anastácio com uma cêsta enfiada no braço o que é que ele vai fazer?
- JANUÁRIA — À! Não me diga! Então aquele estepôr disse que ia almoçar a casa da mãe!
- VIZINHA — Ele saiu de casa da mãe saiu!
- JANUÁRIA — Então foi ela que lhe emprestou a cêsta! Não vê a vizinha que eu mandei-o aos caracóis, está aqui um anúncio no jornal a dizer que comprem qualquer quantidade e como os tempos estão maus tudo quanto vêm é ganho!

- VIZINHA — Diga-me cá ó Snr^o. Januária como é que vocemecê consegue fazer o que quer com o seu marido?
- JANUÁRIA — Bem se vê que a vizinha não acompanha a evolução dos tempos modernos! Isto agora os direitos são iguais para todos! Já lá vai o tempo em que as mulheres eram escravas dos homens!
- VIZINHA — Se vocemecê fosse casada com o meu João ele logo lhe dava os tempos modernos! dá com esse pobre diabo!
- JANUÁRIA — Á mas o seu João é um homem às direitas! Ele é que governa a casa! É o meu? Se não fosse eu já ele tinha morrido com fome!
- VIZINHA — Mas o homem não teve culpa de ter sido despedido, não foi só ele! Outros tiveram a mesma sorte! (Neste momento entra a mãe do Anastácio)
- JOAQUINA — (Entrando) Ainda bem que te apanho cá sua desavergonhada! Queres matar o meu filho à fome! Como é que o pobre aguenta todos os dias a comer caldo de couve? Quem é que come a carne que tu vais buscar ó talho?
- JANUÁRIA — Estás a vêr vizinha aquilo não é um homem é uma besta quadrada, parece uma criança a fazer queixas á maezinha!
- VIZINHA — Até logo vizinha.
- JOAQUINA — E o que é uma sardinha para um homem?
- ANASTÁCIO — (Entrando) Já cá estou! Que grande maçada eu apanhei!
- JANUÁRIA — (Olhando para a cêsta) Mas tu só trazes aí meia dúzia de caracois!
- ANASTÁCIO — Os outros fugiram! Ainda fui a correr atrás deles mas para apanhar um fugiam os outros por isso é que eu venho tão maçado! Para a outra vêz tenho que levar mas é um sacco!
- JANUÁRIA — Vai lá vêr quanto é que dão por esses!
- ANASTÁCIO — Mas eu estou tão enfadado! Á! mas agora está aqui a minha mãe! (Para o público) a vingança vai ser terrivel! (a Januária) Vai lá tu cava! Julgas que eu sou algum boneco ou quê? (Januária obedece e sai com a cêsta)
- JOAQUINA — Assim é que é filho! daqui para o futuro hei-de vir cá todos os dias!
- ANASTÁCIO — O pior é quando a mãe se fôr embora!
- JOAQUINA — Não chora não ela é mas é fingida!
- JANUÁRIA — (Entrando) Afinal os caracois que eles compram não são destes, compram caracois mas é de cabelo!
- JOAQUINA — Olha que ela está a chamar-te camelo! E tu ficas quieto?
- ANASTÁCIO — Ó mãe não faça confusões!
- JOAQUINA — Venho cá todos os serões venho! Mas agora vou-me embora porque ainda dou cabo dessa maldita! (sai)

JANUÁRIA — Agora nós meu menino! (descalça um sapato e começa a bater no marido) Então tu julgavas que não mas pagavas?

JOAQUINA — (Entrando) Pagas as favas pagas! (todos batem)

F I M

A S C R I A S

COMÉDIA EM UM ACTO

D E

J O R G E P I R E S

PERSONAGENS:

SENHOR RIBEIRO	PATRÃO
FRANCELINA	PATROA
SUZETE	CRIADA
POLICARPO	CRIADO
CRIADA	

C E N Á R I O

Casa de campo com utensílios rústicos.

I ACTO

- RIBEIRO — Isto não pode continuar assim, tenho que tomar uma decisão... A minha mulher passa os dias na modista, em casa pouco faz, o Policarpo então nem é bom falar primeiro que ele mexa um pé... O melhor é ir dar uma volta a ver se consigo arranjar uma criada, mas uma criada com vida, despachada, que não seja como este songa monga que eu cá tenho... (pequena pausa) Há! O meu compadre Januário aqui há tempos disse-me que tem lá duas e que talvez me pudesse dispensar uma, vamos lá a ver se ele ainda está pelos ajustes! (Chama á porta que dá para o quintal) Policarpo, Policarpo...
- POLICARPO — (De fora, voz descansada) Já lá vou Snr. Ribeiro!
- RIBEIRO — Aquilo é que está ali uma Lesmá! (Irritado, Lá p'ra daqui a duas horas está aqui se eu precisasse do médico dava bem tempo a que eu morresse... Este também era bom p'ra trabalhar no 115! Quando tiver 70 anos não se pode mexer!
- POLICARPO — (Entrando falando muito pausadamente) Com licença Snr Ribeiro? Faça favor, ás suas ordens! Por causa de vir com tanta pressa ia ali dando cabo dum pé!

- RIBEIRO — Deixa-te de comentários e escuta o que tenho p'ra te dizer; Quero que vás a casa do meu compadre Januário e lhe digas se me pode dispensar uma criada se puder ser hoje, melhor, eu pago-lhe desde o princípio do mês embora já passassem 15 dias!
- POLICARPO — Vou já Snr. Ribeiro... Quer a velha ou a nova?
- RIBEIRO — É uma qualquer. Vai e não te demores!
- POLICARPO — (Para a plateia) Deus queira que venha a nova!
- RIBEIRO — (SÓ) Não sei como o meu pai aguentou este nabo tanto tempo... É claro que agora também não vale a pena eu mandá-lo embora, valha a verdade, é muito fiel e faz tudo bem feito mas é de mais tanta pachorra...
- FRANCELINA — (Muito bem vestida) Boa tarde querido!
- RIBEIRO — Que grande descaramento... Boa tarde hem! mais uma vez o meu almoço foi ao ar, dá-te mais cuidado a tua fachada do que o meu estômago!..
- FRANCELINA — O teu estômago? essa é boa! Será possível que já tenhas fome? Ai valha-me Deus, então ainda não há quatro horas que comeste um pão de quilo, meia dúzia de ovos e dois bifes...
- RIBEIRO — E o que é isso para um homem como eu? não te esqueças que desde que tu foste p'rá modista já fui duas vezes com o tractor buscar duas carradas de feno!
- FRANCELINA — Tanto que tu comes homem!
- RIBEIRO — Onde não há o pão não há obrigação, é um ditado muito antigo!...
- FRANCELINA — Já te esqueceste das promessas que me fazias quando eramos solteiros?... Então tudo era Côr de rosa (imita) quando fores minha mulher hás-de ser uma rainha, terás lindos vestidos, criadas, não quero que faças nada. São todos na mesma depois de nos apanharem pensam que somos suas escravas!
- RIBEIRO — (Ar arrogante) Estás então convencido que um homem quando procura uma mulher é apenas para estar a olhar p'ra ela como se fosse um ma nequim!?...
- FRANCELINA — (Lamuriosa) Bem me dizia a minha mãe...
- RIBEIRO — (Exaltado) O que é que dizia a tua maezinha? que eu não prestava p'ra trabalhar? Por acaso até me podia dar ao luxo de não fazer nada, que a casa não ia abaixo por causa disso, mas como vêz sinto-me bem assim...
- FRANCELINA — Podias ser um Senhor ter um carro para ir passear...

- RIBEIRO — Um carro? Tem júizo minha menina há lá passeio mais bonito do que montar um cavalo e ir por esses campos fora vêr o que é nosso, conversar com os criados, ver nascer as crias...
- FRANCELINA — Porque será que as tuas conversas vão sempre buscar bestas e feno? eu quero que sejas um Senhor, arranja criadas para fazer o serviço da casa e vamos sair deste ambiente...
- CRIADA — (Bate á porta muito rápido)
- FRANCELINA — Quem é?
- CRIADA — (De fora) Faça favor!
- FRANCELINA — A porta está só encostada, entre!
- CRIADA — (Entra rápido e falando depressa) A partir de agora estou às vossas ordens o Snr. Januário dispensou-me!
- FRANCELINA — (Admirada) Que significa isto?
- RIBEIRO — Querias uma criada, aí a tens!
- CRIADA — (Depressa) Eu não venho para conversar o que é que vou fazer?
- RIBEIRO — Em primeiro lugar o meu almoço estou cá com uma fome...
- FRANCELINA — A cozinha é ali? (indica a porta) vai lá e prepara a refeição para nós dois e para o criado, na dispensa há de tudo e bom!
- CRIADA — Convém dizer á Senhora que eu ainda não almocei portanto tem que ser para quatro. (sai)
- FRANCELINA — Não esperava esta surpresa!... E parece-me muito trabalhadeira!
- RIBEIRO — Espero que o nosso compadre não me deixe ficar mal p'ra lesma basta o Policarpo!
- CRIADA — (Vindo da cozinha) Os senhores desculpem mas com a pressa não fizemos as apresentações necessárias, o meu nome é Suzete e os Senhores?
- RIBEIRO — (Atrapalhado) Bom... trate-me por Ribeiro!
- FRANCELINA — Pois eu menina Suzete chamo-me Francelina!
- CRIADA — (Para a Plateia, Mau... Outra Francelina?!... Será que a minha sina é aturar Francelinas?
- RIBEIRO — Menina Suzete... aquele lesma que foi a casa do meu compadre dar o recado ficou aonde?
- CRIADA — Com a pressa que trazia, lá para daqui a uma hora está aqui!
- FRANCELINA — Diga-me menina Suzete, além de cozinhar o que é que a menina sabe fazer?
- CRIADA — Sei fazer tudo menos cera!
- RIBEIRO — Não faz mal... O Policarpo encarrega-se disso!
- CRIADA — Eu vou então fazer o almoço, se os Senhores precisarem de mim é só chamar! (sai)
- POLICARPO — (Entra cansado) Senhor Ri... Ribeiro o seu compadre Januário dispensa-lhe uma criada ela deve estar por aí a chegar, eu vim andando

mais depressa que é para o Senhor ficar mais descansado!... (dirige-se só ao patrão) Aquilo é que é uma lasca! (outro tom) Boa tarde Snr. Francelina!

FRANCELINA — Adeus Policarpo!

POLICARPO — (Aos dois) Os Senhores não precisam de mais nada?

RIBEIRO — Vai lá p'ró pé da vaca amarela não vá a cria vir atravessada!

POLICARPO — Está bem Snr. Ribeiro não saio de lá enquanto ela não parir! (sai)

FRANCELINA — (Que entretanto tinha pegado numa renda, chama a criada) Menina Suze te!

CRIADA — (Aparece rapidissima) Cá estou minha Senhora o que deseja?

FRANCELINA — (Estremece) Crédo!...

CRIADA — Eu cá sou assim o que é que a Snr^a. deseja?

FRANCELINA — Como diz que sabe fazer tudo, eu não me estou a entender lá muito bem com isto, o desenho é este! (mostra uma revista de bordados)

CRIADA — Isto é muito fácil minha Senhora quer ver? (desmancha e diz) Já está, comece de principio e quando não se entender bem com isso chame-me! (sai)

FRANCELINA — (Vai para gritar mas...)

RIBEIRO — Ps...! Tem calma filha temos que tratá-la com bons modos sabes bem que hoje não é fácil arranjar uma criada! (Outro tom) Então mas o raio da vaca nunca mais se despacha?

CRIADA — (Aparecendo) Vaca será a sua prima não querem lá ver? Se pensa que vim p'rá qui para ser tratada dessa maneira está muito enganado! (sai)

RIBEIRO — Olá! Agora pensou que... espera aí... só o Policarpo é que pode esclarecer tudo porque senão ela nunca mais me grama! (chama à janela) Policarpo!... Ó Policarpo!

POLICARPO — (De fora muito descansado) Já lá vou Snr. Ribeiro!

FRANCELINA — (Chama o marido para longe da porta da cozinha) Valia mais eu ter gritado, pensa que estás impaciente com o almoço...

RIBEIRO — Parece-me que o nosso compadre se livrou dum boa bisca... isto não me está a cheirar bem não... Não haja dúvida que arranjei uma boa parêlhá! Dum lado uma lesma do outro uma Locomotiva... (vai novamente á janela) Ó Policarpo!

POLICARPO — (a entrar) Vim logo que o Snr. chamou, mas olhe que daqui a pouco a cria está cá fora! Há alguma novidade?

RIBEIRO — (Afastando-se da porta da cozinha) Ouve: há bocado eu estava aqui a dizer para a Senhora que a vaca nunca mais se despachava acontece que a criada ouviu e agora pensa que eu estava a falar dela!

POLICARPO — Ela já veio, já? Mas que grande sarilho...

FRANCELINA — Dizes bem Policarpo, que grande sarilho!

- RIBEIRO — Tu tens que nos ajudar Policarpo!
- POLICARPO — O que é que eu posso fazer snr. Ribeiro?
- RIBEIRO — Tu vais fazer o seguinte: Eu mais a Senhora vamos assistir ao nascimento do Bezerrinho e tu ficas aqui, finges que estás à espera do almoço e quando ela perguntar por nós, tu aí dizes que eu estava impaciente e que fomos vêr se a vaca já tinha dado à luz!
- POLICARPO — Esteja descansado snr. Ribeiro eu cá hei-de ver se me safo!
- RIBEIRO E
FRANCELINA — Então até logo! (saem)
- POLICARPO — Até já! (vai ao espelho) Ela simpatizará comigo? acho que não sou muito mal geitoso...
- CRIADA — Minha senhora! (Surpreendida) Há! É o snr.!?
- POLICARPO — Sou, sou menina...
- CRIADA — Então aquele estúpido, estava com tanta pressa e foi-se embora?
- POLICARPO — Está ao pé da vaca!
- CRIADA — Será que vocês aqui nesta casa só sabem falar em vacas? E eu a pensar que vinha para casa de gente fina...
- POLICARPO — Sabe menina, há já dois dias que ela coitadinha está p'rá boa hora e não há maneira de nascer a cria... e o patrão anda muito aflito por causa disso! Os patrões mandaram-me vir almoçar e p'ra ela não ficar lá sózinha, ficam lá até eu ir!
- CRIADA — Que patrões tao originais, almoçam depois dos criados!
- POLICARPO — Se a menina, como é a sua graça?
- CRIADA — Suzete...
- POLICARPO — Pois, menina Suzete, o patrão gosta de gente decidida, que não ande a morrer... Olhe que eu já estou na casa há muitos anos, desde o tempo do pai do snr. Ribeiro, e se eu não mexesse as pernas já me tinham posto no olho da rua! A menina é que é mal empregada andar a servir... uma cara tão bonita!...
- CRIADA — Não tenho pressa Snr....
- POLICARPO — Policarpo menina!
- CRIADA — O Snr. tem um nome bonito!...
- POLICARPO — Só o nome menina Suzete?
- CRIADA — Bem... O Senhor quando tinha vinte anos talvez fosse um borracho geitoso!
- POLICARPO — Ainda hoje! A minha vida é que não me permite andar vestido à papo seco!
- CRIADA — Pela sua conversa o Snr. é solteirão!?
- POLICARPO — (Rápido) Graças a Deus menina Suzete!...
- CRIADA — Está assim tão agradecido a Deus por ter ficado solteiro?
- POLICARPO

- POLICARPO — Sabe? Eu p'ra falar a verdade nunca encontrei coisa que me agradasse, tenho estado sempre á espera de encontrar uma cara assim bonita como a sua...
- CRIADA — (Rindo) O Senhor é o diabo, então depois pensavam que vocemecê era o meu pai!
- POLICARPO — Que interessa o que os outros possam pensar? Acredite menina Suzete eu estou apixonado por si!...
- RIBEIRO — (De fora) Policarpo! Ó Policarpo!
- CRIADA — O Snr. Ribeiro está a chamá-lo!
- POLICARPO — (Nervoso) Tá... tá-me a chamar? (para a plateia) Ora bolas agora que eu estava no melhor!... (Para a criada) Deve ser a cria que está a nascer... (sai)
- CRIADA — (Só) Ai, ai... Que pena eu tenho!... Se não fosse tão velho!... Mas é capaz de ter um bom pé de meia... Quem me diz que não está aqui a minha sorte?
(ENTRETANTO CHEGA O CORREIO) Suzete vai aceitar, dá volta às cartas entre as quais está uma do banco dirigida a Policarpo, depois comenta) Olá! O velho tem dinheiro no banco! Tenho que descobrir se é alguma coisa que valha a pena!...
- POLICARPO — (Entrando) O patrão mandou-me vir buscar o correio... (Recebe das mãos da criada enquanto fitam o olhar um no outro) Vem também aqui uma para mim!... É a única carta que recebo por ano... É das minhas economias sabe?... Às vezes ponho-me a pensar... Se eu morro que é que herda o dinheirô que eu tenho?
- CRIADA — O seu almoço já deve estar frio já está na mesa há que tempos!
- POLICARPO — Tenho que ir levar primeiro o correio ao patrão... (Sai e diz) Já nem me apetece comer...
- CRIADA — Está mesmo pelo beicinho!... O pior é que eu não gosto nada dêle!
(Vai limpando o pó) Mas quem me diz a mim que o velho não tem umas massas valentes? Vale mais um velho rico do que um novo sem vintém!
- POLICARPO — (Entrando) O patrão mais a patroa já não estão muito satisfeitos... Não fazem senão abrir a boca...
- CRIADA — Não se rale com isso... O seu almoço está no prato vá você comer que está farto de andar para trás e p'ra diante!...
- POLICARPO — Sabê o que lhe digo menina Suzete!?... Eu prefiro estar aqui a olhar p'ra si do que ir comer, ponha isso outra vêz p'rá panela!
- CRIADA — Não faça isso querido Policarpo tens que comer p'ra estares forte p'ra nossa Lua de Mel!
- POLICARPO — (Dá um salto) Hem!... Tu casas comigo Suzetezinha? Não estás a brincar nem nada?

- CRIADA — Eu amo-te Policarpo, desde a primeira vêz que te vi!
- POLICARPO — (Pulando de contente) Já não quero saber das Crias das vacas do patrão! Agora tenho que pensar é nas minhas! (assoma-se á janela) Ó Snr. Ribeiro diga à vaca que se despache que eu quero falar consigo!
- CRIADA — Tem calma Policarpô, tens tempo de dizer isso ao patrão!
- POLICARPO — Se não aproveito agora, noutra ocasião que eu esteja mais calmo não tenho coragem de lhe dizer que me vou embora!
- CRIADA — Mas eu ainda agora cheguei e já lhe vais dizer que vou sair...
- RIBEIRO — (Entrando) O que é que aconteceu Policarpo? Tens assim tanta urgência em falar comigo?
- POLICARPO — (Nervoso) Sabe Snr. Ribeiro é que eu e... (a Suzete) a menina Suzete explica-lhe!...
- CRIADA — Eu explico Snr Ribeiro é que eu tenho dois meninos, estão na minha terra, em casa da minha mãe...
- POLICARPO — (Rápido) Hem!? Mas que raio de conversa é essa?
- CRIADA — (Não fazendo caso da conversa de Policarpo) É o Snr. Policarpo como eles ainda não estão baptizados ofereceu-se para ser padrinho dum e queria que o patrão fosse padrinho do outro!
- RIBEIRO — Mas a menina não é solteira?
- POLICARPO — Sim, a gente precisa duma explicação!...
- RIBEIRO — Não te metas nisto, vai lá p'ró pe da vaca!
- POLICARPO — (Para a plateia) Ainda tão nová e já duas crias? vão lá chamar pai a outro! (Sai)
- RIBEIRO — Com que então dois meninos nem!
- CRIADA — Não faça caso Snr. Ribeiro... Eu vou falar-lhe francamente: É que o Policarpo vai casar comigo e quando eu lhe disse que sim parecia um rapaz pequeno aí aos pulos pareceu-me que se queria já despedir e em tão p'ra ele se acalmar tive que lhe pregar aquela pêta!
- RIBEIRO — (Admirado) Não! não pode ser, você uma rapariga tão bonita, nova, vai casar com aquela lesma, já com os pés p'rá cova?
- FRANCELINA — (Entrando) O que é que vocês fizeram ao Policarpo? chegou á cabana a chorar que é um infeliz que não tem sorte nenhuma!...
- RIBEIRO — É um parvo, pensa que está agora na flôr da idade!
- CRIADA — Ó Senhor desculpe, mas não admito que chamem parvo ao meu futuro marido!
- FRANCELINA — Ai que ela é maluca! Valha-me Deus!
- CRIADA — Maluca será' asua prima... Parece que nunca se viu uma rapariga nova, casar com um homem de certa idade!... (sai p/ cozinha)
- POLICARPO — (Entrando) Snr. Ribeiro, hoje está tudo a calhar mal.
- RIBEIRO — O que foi homem!

- POLICARPO — Coitadinha da bonita... até mete dó, até parece que compreende...
- RIBEIRO — Desembucha homem o que é que aconteceu?
- POLICARPO — A bezerrinha nasceu morta!...
- RIBEIRO — Eu já calculava isso, vieram hoje as contrariedades todas juntas... Mas deixa lá homem não morreu ninguém!
- FRANCELINA — Coitadinha... Vamos lá vê-la!?
- RIBEIRO — Vai lá tu se queres, tenho tempo!
- FRANCELINA — Agora compreendo pensava que era um exagero vocês gostarem tanto dos animais e afinal... O que aquela desgraçada sofreu p'ra depois o filhote nascer morto!
- POLICARPO — Anda tudo ao contrário, as crias da criada que não faziam cá falta nenhuma nasceram vivas e a bezerrinha coitadinha...
- RIBEIRO — Ouve Policarpo, cada coisa no seu lugar, a Suzete queria saber até que ponto tu gostavas dela e pregou-te aquela pãta dos meninos, pôde ser que daqui a alguns meses isso seja verdade e tu já não falarás assim porque sejam animais ou sejam pessoas não ser nenhum que não goste dos seus filhos!
- POLICARPO — Isso é verdade Snr. Ribeiro? ela está mesmo solteirinha?
- CRIADA — (Aparece) Desculpa Policarpo apenas quiz certificar-me se tu gostavas de mim a valer... podes escolher a data do nosso casamento!
- POLICARPO — (Louco de contente) Snr. Ribeiro e Snr^a. Francelina, desde já estão convidados p'ra padrinhos da primeira cria que vier, e agora venham daí ver a bezerrinha mais bonita do mundo! Sim porque eu também gosto de pregar a minha pãta! (Ouve-se berrar) (Quando se aprestavam para sair entra a outra criada do compadre Januário com duas crianças pela mão, são duas meninas.
- 2^a. CRIADA — Snr. Ribeiro, dá-me licença? Ainda bem que está cá a Suzete (dirige-se a esta) A tua mãe pensava que tu estavas em casa do Snr. Januário e mandou as tuas filhas para lá, diz que não tem paciência para as aturar, e o patrão mandou-me vir aqui trazê-las! (sai) Até depois!
- RIBEIRO — Que brincadeira vem a ser esta? Afinal, a menina é solteira ou casada?
- SUZETE — Desculpe Snr. Ribeiro, (choraminga) Eu sou uma infeliz!...
- RIBEIRO — Pobre Policarpo!... A menina não se envergonha de querer enganar o pobre homem?
- POLICARPO — É preciso ter pouca sorte, tantos anos à espera de encontrar coisa que se visse e logo a primeira vez apanhei uma com duas crias, não se pode dizer que não é uma rapariga despachada!

- RIBEIRO — (Para Suzete) Arranje as suas coisas e vá-se embora, não suporto mentirosos! (a criada sai p'rá cozinha) Ai Policarpo, Policarpo, eu sempre desconfiei da fartura!
- POLICARPO — Agora que eu estava a precisar duma mulher p'ra me esfregar as costas quando me ataca o reumático... Veja o Snr. Ribeiro a diferença que há entre os animais e ás pessoas... olhe que já há quarenta anos que lido com animais e nunca me enganarem, e a primeira vez que tento tratar um assunto sério com uma pessoa foi o que se viu!
- SUZETE — (Sai com as coisas e com as crianças limpando os olhos com um lenço)
- FRANCELINA — Pobre rapariga, nem tive coragem de lhe dizer nada!
- POLICARPO — Pobre rapariga? Poore mas é de mim que estava quáse a cair na ratoeira!
- RIBEIRO — Bem, uma vêz que tu me convidaste p'ra padrinho, eu também vou retribuir a tua gentileza, vais ser padrinho da bezerrinha!
- POLICARPO — Vamos lá ver a minha afilhada!
- RIBEIRO — Qual é o nome que lhe vais pôr?
- POLICARPO — Suzete! (saem todos)

F I M